

A CHEGADA DOS CABOCLOS

JOÃO NOGUEIRA

Um dos costumes tradicionaes e mais antigos do Ceará é, sem duvida, a peregrinação dos Caboclos da Porangaba á cata de esmolas para a festa do Bom Jesús, orago d'aquella villa.

E' incerta a data em que começaram essas piedosas excursões; mas é certo que são anteriores a 1816, data em que se começou a edificar a Matriz da Porangaba.

Antes d'isto, os Caboclos faziam a sua festa *na Fé*, isto é, sem egreja nem imagens ou symbolos sagrados; e quando partiam ou chegavam á sua aldêa, davam vivas a *Dão Arco Verde*, a *Camarão* e a *Dão João VI*, o qual, segundo a tradição, teria doado a imagem do Bom Jesús aos indios e a de N. S. das Maravilhas ás indias da Porangaba.

Os actuaes caboclos são os descendentes remotos dos indios Algodões, assim chamados por causa de *Amanay* ou *Algodão*, seu Tucháua; são elles que conservam a piedosa incumbencia de esmolar por longes terras em beneficio da festa do Bom Jesús, tal como faziam seus maiores aldeados, que foram, em 1607, pelos benemeritos padres Francisco Pinto (o *Paipina*) e Luiz Figueira.

A primitiva aldêa dos *Algodões*, chamada Porangaba, passou á cathegoria de villa em 1759 com a denominação de Arronches; e assim foi chamada até 1885 quando voltou ao nome antigo ou Porangaba, que ainda conserva.

Partem os Caboclos sempre na ultima domingo de Outubro recebendo, antes d'isto, na egreja, a Corôa de espinhos do Bom Jesús dos Afflictos, a qual, cercada de flores e do maximo respeito, con-

duzem sobre uma salva de madeira forrada por uma singela toalha.

Já de suas casas têm trazido um retabulo, de sua propriedade, que levam alçado em um varal e onde se vê pintada, com esmero, a effigie do Bom Jesús.

E' o *Estandarte*.

Depois de rezarem o Terço e de entoarem o *Canto da Despedida*, partem acompanhados de povo,

A' frente vai um tambor que, despertando os echos de montanhas e caatingas, avisa, de longe, a aproximação dos sympathicos Caboclos, que são recebidos com alvoroço pelas povoações e logarejos por onde passam e nos quaes o dia de sua chegada é considerado—dia santo.

Nunca lhes negam, os povos visitados, as esmo-las que pedem; e si na povoação ha igreja ou capella, para ali se dirigem a tirarem o Terço no que são acompanhados pela gente do logar.

Nunca abandonam a Corôa, que guardam sobre uma especie de altar improvisado, nas casas onde passam a noite.

E ali fica este objecto sagrado, cuja virtude enche os corações de doce alegria e de paz.

Ha o *Terço de viagem*, que é rezado, e o *da noite*, que é cantado.

Rezam o primeiro nas casas onde pouco se demoram; e cantam o segundo nas moradas onde pernoitam. Começam, então, pelo Credo, vindo depois o Terço completo e por fim a Salve-Rainha.

Os sertanejos dão grande importancia ao *Terço dos Caboclos* e á lamentação, que tambem cantam, chamada *Pranto do Senhor*.

Primeiro percorrem as visinhanças da Porangaba e depois vão até o *Outro Lado*, em Maranguape.

D'ahi, seguindo viagem passam pelos seguintes lugares: Soure, Ribeira, Lagôa dos Porcos, Coité, Camará, Cruz, Japuára, Lagôa Salgada, Bebedouro, Mattões, Pecem, Maracujá, Gregorio, Chaves, Barrenta, Cauhype, Agua Bôa, Pinhão, Acauã, Corrente, Vi-

çosa, Rajada, Tucunduba, Pão Barriga, Craussanga e Guatinguaba, onde descançam em casa de Antonio Rodrigues, um dos Caboclos, depois de ter percorrido a pé tão longa zona e andado tantas legoas.

E' d'ahi que descem para a Porangaba, partindo pela manhã para ali chegarem, infallivelmente, na tarde de 23 de Dezembro.

A' sua approximação, toda a villa se alvoroça; sobem ao ar fogos festivos; da Capital affluem innumerous curiosos que, juntamente com moradores da Porangaba, os vão encontrar em varios pontos da estrada de Maranguape, mesmo além do *Siqueira*, onde ha duas capellinhas, uma das quaes, no vozear do povo, está excommungada.

Musicos contractados pelos festeiros da Porangaba vão tambem ao seu encontro e vem tocando alternadamente com o tambor, alegrando, assim, o acompanhamento.

Perdidos no meio do povaréo, difficilmente se podia distinguir os bons Cabolos, que chegavam a 23. (1)

Não traziam os arcos, as flexas e os cocares de pennas dos seus antepassados; mas bem seria que assim viessem ornados por que a sua festa tivesse a feição propria, o valor e o encanto das coisas muito antigas e muito nossas.

Vestidos singelamente ao modo sertanejo, um ou outro se podia reconhecer no meio de tanta gente, pelo typo da raça e pelos chapéos de palha, bem cearenses, que taziam já queimados por muitos soes.

Sempre em marcha lenta desciam pela estrada, precedidos e seguidos pelo povo.

A' frente, o *Estandarte* com a effigie do Bom Jesús, que dominava, do alto, aquella marcha tranquilla.

Logo após, os Caboclos, trazendo a Corôa e as esmolas que receberam dos sertanejos devotos.

(1) Manoel Severino de Aguiar, Antonio Severino, Francisco Severino, Antonio Rodrigues, Francisco Rodrigues, Manoel Rodrigues, Luiz Gonzaga, Francisco Barbosa, Antonio Rodrigues dos Santos.

Dirigia tudo o Sr. Manoel Severino de Aguiar, caboclo morador na Taquara, especie de Tucháua da sua gente.

Todo o povo caminhava sem ordem alguma: tudo misturado; mas, si faltava ordem no prestito, sobejava o respeito na mór parte do povo que o compunha.

Além da sympathia que despertava esta tradição viva conservada através de gerações, era de notar, no povo, um certo recolhimento.

Muita gente caminhava em silencio e descoberta, não se notando essa desenvoltura e fallatorio irreverente, tão frequentes nas procissões n'esta Capital.

Um homem já velho com uma pedra á cabeça, mocinhas com os pés descalços e homens amortalhados, por promessas que fizeram, acompanhavam religiosamente a Corôa.

Ao som da musica, ao rufar do tambor e ao estalar dos foguetes, entraram os piedosos Caboclos na villa, a cuja Matriz foram restituir a Corôa e rezar o Terço.

Em seguida entregaram ao thesoureiro da festa os donativos recebidos por tantas e tão afastadas partes.

Depois d'isto, seguiu-se uma procissão em que figuravam o *Estandarte* e uma bandeira, que levantaram antes do pôr do sol, na praça da Matriz.

Foi este o primeiro acto das novenas, que findam no dia de Anno Bom, cuja primeira noite é a *Noite dos Caboclos*, sendo de outros noitarios as seguintes, tal e qual como acontece no sertão, nas festas e novenas do nosso povo.

Mas, estas piedosas excursões dos nossos Caboclos serão o cumprimento de um voto feito no passado pelos proximos descendentes dos Algodões ou uma reminiscencia da *Festa do Divino*, da antiga Provincia do Rio de Janeiro?

Ha uma visivel semelhança entre uma coisa e outra.

Os festeiros do Divino recebiam, na igreja, uma

bandeira encimada por um pombinho de azas abertas e um retabulo representando o Divino Espirito Santo, tambem sob a fórmula de pombo.

E saham mundo a fóra, a pedir e receber donativos para a festa, que teria logar na cidade ou na villa de onde partiam.

Até aqui as analogias, que deixam verterem as duas festas uma origem commum; mas depois as differenças se fazem sentir desde que se acompanha festeiros e Caboclos nas suas excursões.

Os festeiros do Divino levavam animaes de carga para conduzirem objectos de prata e de ouro, peças de caça, perús, gallinhas e leitões, que os devotos lhes offereciam, além das esmolas em dinheiro

Era um verdadeiro pagóde, uma completa folia essa festa do Divino.

Compunham-se os ranchos ou *bandeiras* de moços brancos, de creoulos e de mestiços, enfronhados todos em trajatinas mais apropriadas ao Carnaval do que a uma festa de character piedoso.

Ao rufar dos tambores e ao som da musica, dançando, mais como mascarados do que como romeiros, tiravam versos como estes, que bem mostram o character epicurista da festa e dos festeiros:

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muito vinho,
Muita carne e muito pão. (2)

A festa do Divino era festa de ricos em terra abastada; a dos nossos Caboclos é a de humildes em terra pobre. Aquelles se expandiam em versos e cantigas tresandando á vinhaça; estes cantam ou rezam conhecidas orações cheios de humildade e de fé; lá plena folia carnavalesca, aqui alegria modesta e piedade.

A festa do Divino passou porque não tinha rai-

(2) Mello Moraes Filho. «A festa do Divino na Provincia do Rio de Janeiro.»

zes na Fé; a dos Caboclos não passou por ter ali as suas raizes.

Que bello exemplo de amor á tradição não dão elles ao Ceará de hoje, que faz praça de esquecer o passado e de tudo renovar, mesmo com o sacrificio do que herdara de bom dos seus avós!

Guardadas as devidas proporções, elles nada ficam a dever aos inglezes, que são o povo tradicionalista por excellencia.

Não se sabe si conservam no devido amor a lembrança de Francisco Pinto e de Luiz Figueira, os santos evangelisadores do Ceará.

Mas seja como for, a sua festa faz recuar o espirito de quem conhecer a nossa Historia até um passado já remoto, onde brilham aquelles nomes bemdictos.

Conservem os honrados descendentes dos *Algodões* a sua piedosa festa, a sua Fé simples e as suas tradições por gerações a seguir, na certeza de que terão os do futuro, como tiveram os do passado, como guia das suas perseguições e conducta, o espirito invisivel e bemfazejo de *Paipina*.

Janeiro de 935.

